

JARDINS FRANCESES E INGLESES DO SÉCULO XVIII: A QUESTÃO DO ESPAÇO CONSTRUÍDO X ESPAÇO NÃO CONSTRUÍDO

BELTRAME, Ana Rosa.¹
GROSSELI, Sirlei.²
PARIS, Barbara Carolina.³
ROPELATTO, Amabyle Roberta.⁴
SIMONI, Tainã Lopes⁵

RESUMO

Com o objetivo de relacionar o jardim Frances e Inglês com o conceito de espaço construído e não construído, foi realizada pesquisa bibliográfica sobre o tema, analisado e relacionado os jardins com o sentido da arquitetura, podendo-se perceber que o espaço construído é basicamente um espaço que pode ser ocupado, utilizado, podendo esses espaços serem trabalhados, organizados ou mesmo criados. Compreendendo dessa forma jardim como espaço construído.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagismo, Jardim Frances, Jardim Inglês, Sentido do espaço, Espaço Construído x Espaço Não Construído.

1. INTRODUÇÃO

O foco do presente trabalho é comparar as características dos jardins franceses e ingleses do século XVIII relacionando-os com a questão do espaço construído e não construído.

O problema instigador da pesquisa pode ser formulado pelo seguinte questionamento: Qual a relação dos Jardins Franceses e Ingleses do século XVIII, com o espaço construído e espaço não construído? Partiu-se da hipótese inicial, de uma suposição de que o espaço construído não seja apenas os espaços fechado com paredes, mas todo e qualquer espaço organizado, trabalhado ou criado.

O objetivo geral do trabalho é a comparação das características dos jardins franceses e ingleses do século XVIII relacionando-os com a questão do espaço construído e não construído. Os específicos foram: Desenvolver pesquisa de referencial teórico relacionados à história dos jardins, pesquisar o conceito de jardim Frances e de jardim Inglês, desenvolver pesquisa sobre o sentido da arquitetura em relação ao espaço construído e não construído e analisar e relacionar os jardins franceses e ingleses com o espaço construído e espaço não construído.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

¹ Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. . E-mail: ana.belt@hotmail.com

² Economista. Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. . E-mail: si_loeblein@hotmail.com

³ Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. . E-mail: barbaracarolinaparis@hotmail.com

⁴ Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. . E-mail: mrropelatto@hotmail.com

⁵ Professor orientador da presente pesquisa. E-mail: tai_lopes@hotmail.com

A partir do momento em que o homem abandonou a vida de nômade e passou a se fixar em algum lugar, começou a sentir a necessidade de cultivar, próximo a suas instalações, plantas que ajudassem em sua sobrevivência e bem-estar. Acredita-se que nessa interferência, além de suprir suas necessidades, havia o resgate da natureza, que seria um dos motivos para a criação dos jardins (LIRA FILHO *et al*, 2001).

A definição de jardim, conforme Oliveira Filho (1990) pode-se dar como um terreno onde se cultiva plantas ornamentais ou uteis e destinado ao lazer e descanso, ou, ainda, conforme Biondi (1990) é a reunião de elementos vivos e inertes arranjados com base técnica e estética com a finalidade de ornamentar e tornar o ambiente agradável ao homem.

2.1 JARDINS RENASCENTISTAS

O século XV, na Europa, marcou o início do Renascimento – um movimento de renovação no campo das artes, das ciências, da literatura e da filosofia. Também os jardins renasceram: na Itália se iniciou a recuperação dos mais belos parques e dos jardins das villas romanas; e adotaram-se dos padrões desses para a construção de novos jardins (VIANA, 2010).

2.1.1. Jardins Franceses

Conforme Lira Filho *et al*, (2001) no início, os jardins Franceses se inspiravam na simplicidade dos jardins medievais, mas com o passar do tempo, foram sendo introduzidas, por arquitetos italianos, novas ideias com características da Itália, renovando assim o estilo italiano.

Uma das mudanças foi a topografia do terreno, os jardins passaram a ser construídos em locais pouco irregulares ou em terreno nivelado por meio de aterros, adaptando-os a uma nova concepção de traçado. O rompimento com o estilo italiano, também ocorreu pela introdução de estátuas de mármore junto às fontes, com a construção de pequenos pavilhões e grutas dotadas de repuxos e outros artifícios hidráulicos (LIRA FILHO *et al*, 2001).

Uma das características do estilo Frances é sua rígida distribuição em forma de eixo, a simetria, a perspectiva, o uso de topiarias e a sensação de grandiosidade. A geometria era perceptível tanto nos caminhos, como na vegetação com podas artísticas. Com o jardim Frances, o estilo formal atingiu seu ápice, com um formato geométrico complexo, abundância de água e vegetação densa ao redor do jardim, formando barreiras, delimitando-o (CEARÁ, s.d.).

2.1.2. Jardim Inglês

Os ingleses romperam com o jardim clássico, pela sua rigidez, voltando sua concepção para composições paisagísticas, inspirados no estilo naturalista chinês. Daí surgiram jardins com irregularidade e falta de simetria nos caminhos, com maior liberdade de expressão, mais conhecido como jardins paisagísticos ou mesmo jardim anglo-chinês (CEARÁ, s.d.).

Nos jardins paisagísticos, a natureza deveria ser imitada em seu traçado livre e sinuoso e apresentar a água na forma livre ou contida em tanques com formato irregular. Essa concepção trouxe de volta a paisagem natural, com terreno acidentado, incorporando em seus jardins ruínas, rochedos além de outras reproduções da natureza. Na vegetação, construíam enormes pisos de gramado que ligavam pequenos bosques, plantas isoladas, grupo de árvores não muito numerosas, utilizando até mesmo árvores mortas para decoração (LIRA FILHO *et al*, 2001).

2.2 O SENTIDO NA ARQUITETURA.

Para definir ambiente construído é necessário entrar no campo da arquitetura e definir, o que é considerado uma obra arquitetônica. Dessa forma Zevi (1996), afirma que a arquitetura surge da necessidade do homem de destacar uma quantidade do espaço, fechando-o e protegendo-o. Delimitando um espaço, sendo esse o objetivo do construir, de onde parte a arquitetura.

Já Perret (apud Dias 2008 p.45) propunha que a arquitetura é a arte de organizar o espaço, que se exprime através da construção. Complementando a citação de Perret, Coelho Netto (1999) formula que a arquitetura além de organizar o espaço, é criar o espaço, a arquitetura é simplesmente trabalho sobre o espaço, sendo este o seu elemento específico.

Já o espaço arquitetônico, de acordo com Zevi (1996), é o vazio dentro do espaço fechado, o espaço interior em que os homens andam e vivem, podendo se prolongar esses espaços pela cidade. Entretanto para Coelho Netto (1999) não existe um conceito efetivo de espaço, não existe um campo único que faça compreender o que seja espaço. Assim, na tentativa de definir o espaço como objeto principal da arquitetura, são estabelecidos sete eixos, chamados de organizadores do sentido do espaço, sendo um desses eixos o espaço construído e espaço não construído.

2.2.1 Espaço Construído X Espaço Não Construído

O Espaço Construído X Espaço Não Construído, surge segundo Coelho Netto (1999) do Espaço Privado X Espaço Comum, que possuem seus sentidos determinados pela cultura e época,

não tendo um sentido único, cabe ao arquiteto e ao urbanista a pesquisa para o reconhecimento dos sentidos do espaço em um determinado país ou cultura (DIAS, 2008).

O espaço construído é atualmente percebido como o espaço ocupado, lugar onde o espaço é preso e portanto o homem também. A noção de espaço como prisão é oposto do conceito do espaço como abrigo, proteção. Esta noção deriva da diminuição gradativa dos locais de moradia. Assim, conclui-se que espaço construído é aquele que se fecha no seu interior, e espaço não-construído aquele que é aberto. O sentido à eles é dado em consideração de dois eixos, o Espaço Interior X Espaço Exterior⁶ e o Espaço Privado X Espaço Comum, variando através dos momentos históricos (COELHO NETTO, 1999).

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho é bibliográfica pois, segundo Marconi e Lakatos (2013) ela é realizada abrangendo toda bibliografia já tornada publica em relação ao tema em estudo. Também considerada de caráter qualitativo, pois busca fornecer análises detalhadas sobre o assunto investigado através da análise e interpretação de dados. Sua classificação se dá como estudo de caso, que se dá por um levantamento mais profundo sobre um caso específico, levando em consideração todos os seus aspectos (MARCONI e LAKATOS, 2013).

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Conforme citado anteriormente, Zevi (1996) diz que o jardim pode ser considerado espaço construído, sendo a sociedade humana sua responsável direta. Pode ser definido também como um espaço comum, "livre", onde todos podem utilizá-lo, mas que não depende dessa "ocupação" para ser jardim, pois a arquitetura é, conforme Coelho Netto (1999) ordenação e disposição do espaço.

Construído pelo arquiteto paisagista André Lê Nôtre, o jardim do Palácio de Versailles, representa o estilo francês, o seu espaço construído é organizado a partir do Palácio, na frente do qual encontra-se o passeio central, e em cada lado dos seus eixos, foram dispostos simetricamente canteiros e pequenos bosques, separados por cercas vivas podadas, os bosques possuem divisões em forma de estrelas, e por todo o jardim há uma riqueza em elementos decorativos. Todo o jardim, traz em sua concepção uma natureza artificial, por tentar imitar a natureza. Os passeios geométricos

⁶ Espaço Interior como o domínio da arquitetura, e o Espaço Exterior como o domínio do urbanismo (DIAS, 2008).

do jardim, são como "prisões" que tem seu espaço aberto, mas que delimita por onde o espectador deve andar.

O Parque Rousham, jardim de estilo Inglês do arquiteto William Kent, tem como seu espaço construído, interior e comum um grande gramado de terreno acidentado, com pequenos passeios desordenados, de onde surgem ruínas, árvores enormes sem podas, água em seu aspecto livre em forma de lago, todo o jardim imita a natureza, com contrastes fazendo referencia a um quadro de pintura. Em certo momento, nesse espaço o homem se sente "preso", mesmo estando em um espaço aberto, pela existência de arvores em seu entorno que o cercam.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização da pesquisa bibliográfica sobre a historia dos jardins, o conceito de jardim francês e inglês e o sentido da arquitetura espaço construído e não construído, a análise dos dados levantados e estudo da relação dos Jardins Franceses e Ingleses do século XVIII, relacionado com o conceito de espaço construído e não construído, pode-se perceber que o jardim é um espaços construídos, pois é simplesmente um espaço ocupado, que pode ser utilizado, sendo o ser humano o seu responsável, podendo trabalhar sobre o espaço, organizando-o ou mesmo criando-o.

REFERÊNCIAS

BIONDI, D. **Paisagismo**. Recife: UFRPE, 1990.

CEARÁ. GOVERNO DO ESTADO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Escola Estadual de Educação Profissional – EEEP**: ensino médio integrado à educação profissional. Curso técnico de paisagismo. Ceará: Secretaria de Educação, Governo do Estado do Paraná. S.D.

DIAS, S. I. S. **Apostila de Estudos: Teoria Da Arquitetura E Do Urbanismo II** 2008.1. Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz -FAG: Curso de Arquitetura e Urbanismo. Cascavel: 2008.

COELHO NETTO, J. T. **A construção do sentido na arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

LIRA FILHO, J. A. de; PAIVA, H. N. de; GONÇALVES, W. (Coord.). **Paisagismo: princípios básicos**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.

MARCONI. M. de A.; LAKATOS. E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2013.

OLIVEIRA FILHO, A.T. **Áreas silvestres e paisagismo**. Lavras: ESAL, 1990.

VIANA, F. A. P. **Paisagismo**. 2010. Companhia dos Cursos - Arquitetura de Interiores - Universidade Cruzeiro do Sul

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. 14º Encontro Científico Cultural Interinstitucional – 2016 ISSN 1980-7406. **Diretrizes para autores – Resumo expandido**. 2016.